

A ESCOLA DO BOM PASTOR E A EXPERIÊNCIA “6+6”

Doutor Carlos Afonso

Agrupamento Eugénio de Andrade e Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti

A escola do Bom Pastor ficava situada no bairro com o mesmo nome na cidade do Porto e foi, durante as décadas de 80 e 90, do século XX, o local onde predominantemente se concentrava o apoio a alunos surdos da área metropolitana do Porto. Utilizando uma linguagem dos tempos atuais poderíamos dizer que era “uma escola de referência”.

O espaço destinado ao apoio ocupava toda uma ala dessa escola e tinha sido intervencionado no âmbito do acordo luso-sueco o que tinha permitido transformar três salas de aula regulares em 4 gabinetes para aulas de apoio, 1

se viam nem conviviam. Podíamos dizer que eram quase duas escolas numa só, sendo esta situação ainda agravada pelo facto de durante vários anos a coordenação do núcleo, incluindo o espaço, ser feita pela equipa de educação especial e não pela direção da escola regular.

Os alunos apoiados vinham de uma região muito alargada, desde concelhos perto do Porto até outros bem longínquos e não podemos esquecer que, naquela época, ainda não tinham sido “inventadas” as auto-estradas. Muitas crianças e os seus pais tinham de se levantar de madrugada para percorrer

mos no artigo anterior), ou nas escolas da sua área de residência e iam ao apoio na escola do Bom Pastor no período letivo oposto às suas aulas de integração. Relembre-se que o denominado “horário normal” era, na altura, uma excepção rara.

Os tempos de apoio eram ocupados em atividades de desenvolvimento de linguagem, a cargo de professores (maioritariamente especializados), em pequeno grupo ou individualmente. Acreditava-se que não bastava aos alunos surdos e deficientes auditivos (porque o apoio envolvia, também, crianças com surdez média e severa) estarem nas suas salas de aulas integradas. Havia que complementar o seu currículo, sobretudo na área da língua portuguesa, com a exploração de textos e histórias que permitissem um desenvolvimento da linguagem oral como forma de expressão. Tendo muita inspiração do método materno-reflexivo apostava-se, também, na escrita como forma de complemento à oralidade e à fala. Este trabalho era completado pela terapia de fala que, na altura, era desenvolvida por professores especializados já que, nos seus cursos, esta vertente estava contemplada. A nível técnico também aqui se foi vendo a evolução, desde a utilização dos “velhinhos” sinalizadores de fricativas e sibilantes até à inovação dos primeiros visifala. Em termos de concepção cada vez mais se foi abandonando a ideia de uma terapia focalizada no “arrancar os fonemas”, para uma terapia que estivesse ligada a um processo de construção de uma linguagem que fosse significativa para o aluno. Nesse sentido, a interligação entre o trabalho na terapia e o trabalho das aulas de desenvolvimento da linguagem foi fundamental e uma mais-valia.

Os alunos tinham, também, aulas de expressão plástica (trabalhos manuais) e de psicomotricidade, com professores com formação nessas áreas. O equipamento do ginásio (uma raridade numa



gabinete para terapia de fala, 1 ginásio completamente equipado, 1 espaço para atendimento a pais. Todas as salas tinham adaptações acústicas que, mesmo não isolando completamente o som, permitiam boas condições. Em algumas delas (em períodos curtos) foi instalado o designado “anel magnético” que permitia uma recepção sonora mais eficaz por parte dos alunos surdos. As condições logísticas eram muito boas, mas a localização geográfica do núcleo na escola levava a um certo isolamento entre surdos e ouvintes, que praticamente não

vários quilómetros, durante várias horas, para serem atendidos no Bom Pastor. Esse facto foi um dos que levou a que o núcleo tivesse sido, nos anos 90, posto em causa, numa lógica de desconcentração geográfica e, progressivamente, tenha desaparecido.

O modelo de apoio, nos anos 80 e início dos anos 90, era de pendor oralista, seguindo a tendência da época, com algumas influências do método materno-reflexivo de Van Uden. Os alunos estavam integrados em escolas do Porto (por exemplo, na do Covelo que referi-

HISTÓRIA DOS SURDOS



escola do 1º ciclo na época!) permitia trabalhar, entre outros aspetos, as coordenações motoras (globais e finas), o equilíbrio e a lateralidade, em consonância com as outras aprendizagens feitas no núcleo, pois a tentativa de interdisciplinaridade era constante. Também aí se exploravam vertentes do treino auditivo e rítmico com músicas e danças...

Dadas as suas maiores dificuldades, nem todos os alunos surdos que frequentavam o Bom Pastor estavam integrados. Alguns deles faziam o seu percurso escolar somente em turmas de surdos, com uma professora especializada, a tempo inteiro, beneficiando de todos os outros apoios já referidos.

A articulação entre os professores de apoio e os professores de ensino regular das escolas de integração era assegurada por visitas regulares, mais fáceis nas escolas perto do que nas mais distantes. No horário dos docentes de educação especial estavam contempladas duas horas semanais para esta tarefa.

A escola do Bom Pastor foi também "viveiro" de várias experiências. Uma delas teve a ver com a constituição de uma turma de integração com 6 alunos surdos e 6 alunos ouvintes leccionada por uma docente especializada em surdez. Esta situação, ocorrida no início da década de 90, partiu da constatação das enormes dificuldades que os professores do ensino regular, sem qualquer formação específica, tinham para leccionar as turmas de integração com surdos. Para além de invocarem que não podiam prejudicar os alunos ouvintes verificava-se que, muitas vezes, não conseguiam compreender as características específicas dos alunos surdos e, portanto, eram estes, no fundo, os mais prejudicados. Na sala de aula regular as coisas não

funcionavam também por dificuldades de interação comunicativa/ linguística. Relembre-se que tudo era feito, essencialmente, através do discurso oral com a consequente descodificação através da leitura labial. Ora sabendo nós que o domínio desta é de extrema complexidade podemos ter uma ideia das dificuldades existentes. Por outro lado, o ritmo das turmas de integração era sempre marcado pela maioria, ou seja, pelos ouvintes, o que comprometia a necessidade de maior aprofundamento de alguns assuntos, por parte das crianças surdas. Ao criar-se uma turma com 6 alunos surdos e 6 ouvintes, para além de se ter um número mais reduzido, esperava-se que o peso paritário conduzisse a uma atenção mais individualizada a todos, sobretudo aos surdos, proporcionando um currículo regular com adaptações específicas.

Esta proposta não foi muito bem aceite por todos, inclusivamente no seio da própria equipa de educação especial, questionando essencialmente o que consideravam ser um peso excessivo dos alunos surdos e os prejuízos para os alunos ouvintes. Houve também algumas dificuldades em encontrar alunos ouvintes para esta turma, pois houve obstáculos colocados por pais e pela própria escola, apesar das reuniões e contactos de sensibilização. Quanto aos alunos surdos eles vieram do Instituto António Cândido, eram na sua maioria surdos profundos e tinham muitos deles já "uma" língua gestual. Estávamos nesse tempo a sentir alguns ventos da mudança de paradigma que se seguiria e, portanto, a língua gestual já não era recusada, mas "aproveitada" como um recurso. Aceitavam-se os gestos dos alunos, "ensinavam-se" até aos alunos ouvintes da turma, mas a comunicação ainda era es-

sencialmente de pendor oralista.

Mais tarde uma outra experiência semelhante viria a arrancar numa outra escola do Porto. As duas situações iriam desenvolver-se em circunstâncias diferentes, mas pelo conhecimento direto delas e pelos contactos com os seus responsáveis, podemos afirmar que representaram um papel importante na tentativa de se encontrarem respostas adequadas na educação de surdos. Contudo, terminaram sem que lhes fosse dada continuidade e sem que tenha havido, efectivamente, uma avaliação rigorosa das suas vantagens e inconvenientes. Essa foi, aliás, uma característica recorrente da época em que as diversas situações criadas eram vistas como "experiências", que iam surgindo e desaparecendo em função de interesses pessoais ou grupais, coexistindo com perspectivas pedagógicas antagónicas, sem que daí resultasse uma avaliação com critérios claros.

O apoio na escola do Bom Pastor viria a desaparecer em meados da década de 90, com o esvaziamento de alunos derivado de uma política de dessectorização e de proximidade do apoio à surdez daquele que era prestado às outras áreas (deficiência mental, visual, motora). Coincidiria com algum desinvestimento e "apagamento" da educação de surdos que só viria a ganhar novo fôlego anos mais tarde.

Pelo meio várias histórias foram sendo vividas mas, muitas vezes, remetidas para o baú do esquecimento. Daí, frequentemente, a sensação de "déjà vu", relativamente a algumas ideias, que sendo apresentadas como altamente inovadoras, podem não passar de uma repescagem cosmética do que já foi experimentado. ■